

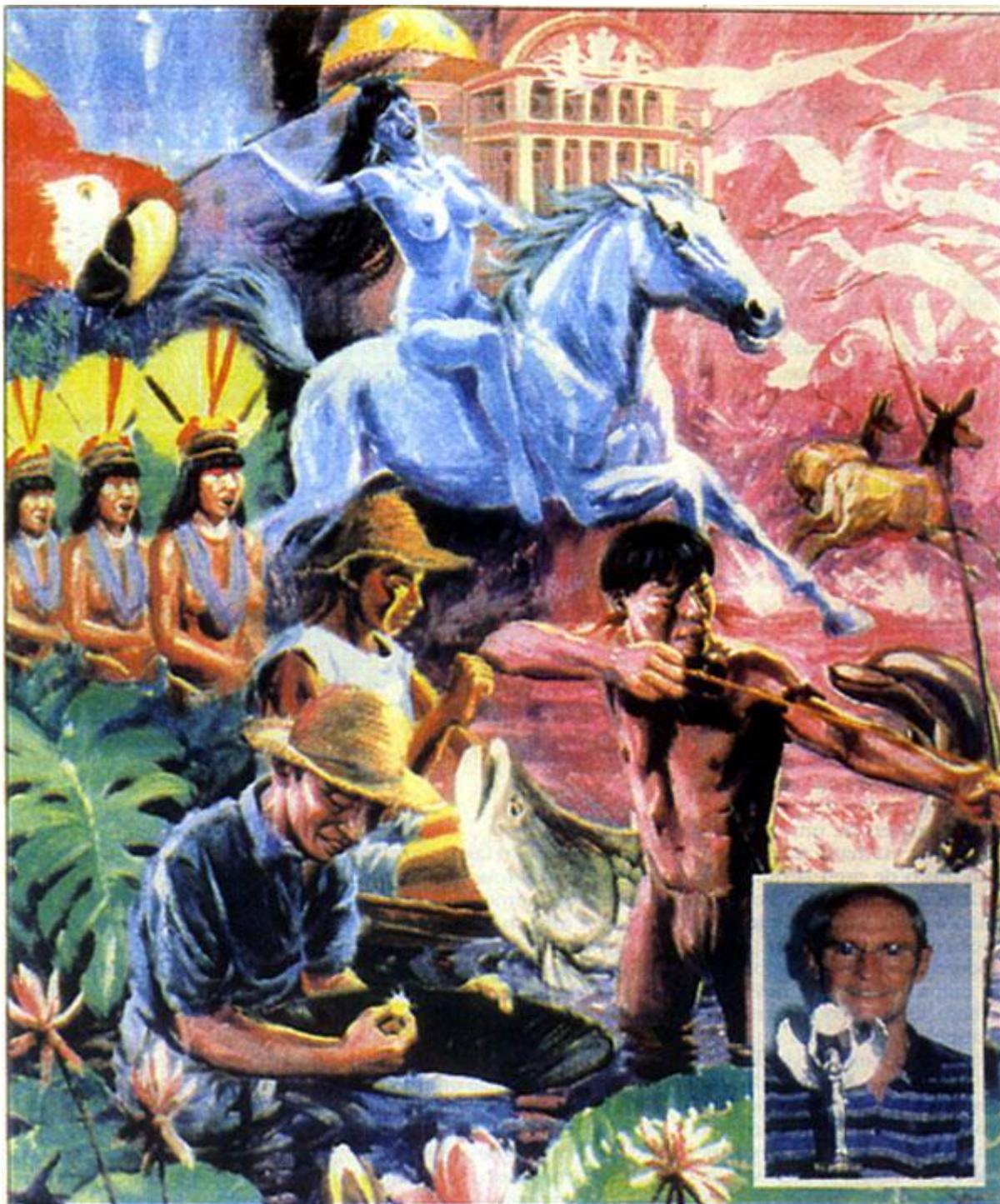
Amazônia, a pátria dos mitos

Dilma de Melo Silva



Entre o mito e o lócus, esse o título do Simpósio que resume nossa reflexão. A Amazônia desde sempre aparece relacionada a mitos, como afirma Marcio de Souza, é a “pátria dos mitos”.

A iniciar pelo nome: Amazonas, o mito das Amazonas, mulheres guerreiras anteriores á Grécia representaria a época histórica em que o matriarcado teria reinado na humanidade. Difundido diretamente pela mitologia grega, esse mito antecede essa cultura, sendo encontradas referências em culturas pré-helênicas que viviam às margens do Mar Negro (Cítia) e no norte da África, com relato de mulheres conquistadoras que combatiam duas a duas, unidas por cintos e juramentos, relato de Frei Carvajal que participou da expedição de Francisco Orellana à região.



Roland Stevenson pintor chileno residia em Manaus e pinta na década de 70 a lenda da Amazonas.

Os primeiros europeus a escreverem sobre a Amazônia foram cronistas como Frei Gaspar de Carvajal, Cristobal de Acuña, João Daniel, Simão Estácio da Silveira e o padre Antônio Vieira. Durante a fase da conquista e da penetração, o relato pessoal e surpreendido dos viajantes, assim a Amazônia abria-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes jamais vistos e a selva pela primeira vez deixando-se envolver. Uma visão de deslumbrados que não esperavam conhecer tantas novidades.

Outro mito é o Eldorado e do lago Parima, que supostamente estaria ligada à fonte da juventude, provavelmente refere-se à existência real do lago Amaçu, que tinha uma pequena ilha coberta de xisto micáceo, material que produz forte brilho ao ser iluminado pelo Sol e que produzia a ilusão de riquezas aos europeus.

E nem se chamava Amazônia: esta é uma invenção do Império que foi retomada pela República, quando Grão-Pará se transformou em Amazônia.

O que seria então a Amazônia real? Um pouco dela podemos conhecer através do Museu Paraense Emílio Goeldi, que é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região amazônica. Desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região.

Esse Museu possui uma Coleção Etnográfica Africana, composta por 490 objetos provenientes dos seguintes países: Guiné Bissau, Sudão, Congo, Zimbábue, Gabão, Angola, Republica Popular do Congo.

A coleta dessas peças foi feita entre 1887/1904 na área do Congo e subárea do Golfo da Guiné; o material adquirido coletado por um particular da Ilha da Madeira, e depois comprada por Jose Julio de Andrade – político paraense que em 1933 a ofertou ao então governador do Pará (na época interventor) que depois fez a doação ao Museu Paraense.

Em 1949-1950 foi feito o primeiro estudo pelo prof. Dr. Peter Paul Hilbert que elaborou um catálogo: *Exposição de Arte Negra*.

Posteriormente, o acervo foi exposto algumas vezes.

Em 1989 foi publicada pelo Museu Goeldi um catálogo ilustrado assinado por Napoleão Figueiredo e Ivelise Rodrigues, com dados referentes à essa Coleção Etnográfica, contendo: número de tombamento, nome ou descrição origem, material, dimensões da peça. Esse material constitui pois uma contribuição sobre a África na Amazônia, pouco conhecida e pouco estudada, e, constitui mais uma prova da presença de elementos africanos em nossa cultura.

O Museu abriga também Coleções Arqueológicas de sociedades que viveram há 8.000 atrás, as datações mostram vestígios de vasilhames cerâmicos associados ao cultivo de alimentos, a rituais funerários, como é o caso da cerâmica marajoara.

Sabemos, através dos estudos arqueológicos recentes que por volta da 1.000 anos atrás existiram culturas extremamente sofisticadas, que se desenvolveram ao longo do rio Amazonas, desde a Ilha de Marajó até onde se encontra hoje Manaus indo em direção ao Peru. Alguns sítios arqueológicos tem cerca de 4km de extensão; a elegância e sofisticação estética nos atestam o esplendor e riqueza da cultura material desses povos, provavelmente de origem autóctone.

Para muitos, Amazônia é sinônimo de Brasil, ou seja, muitos ignoram cerca de 60% é sim brasileira, mas os restantes 40% pertencem a cinco outros países vizinhos; esse fato comprova que a realidade é muito mais complexa.

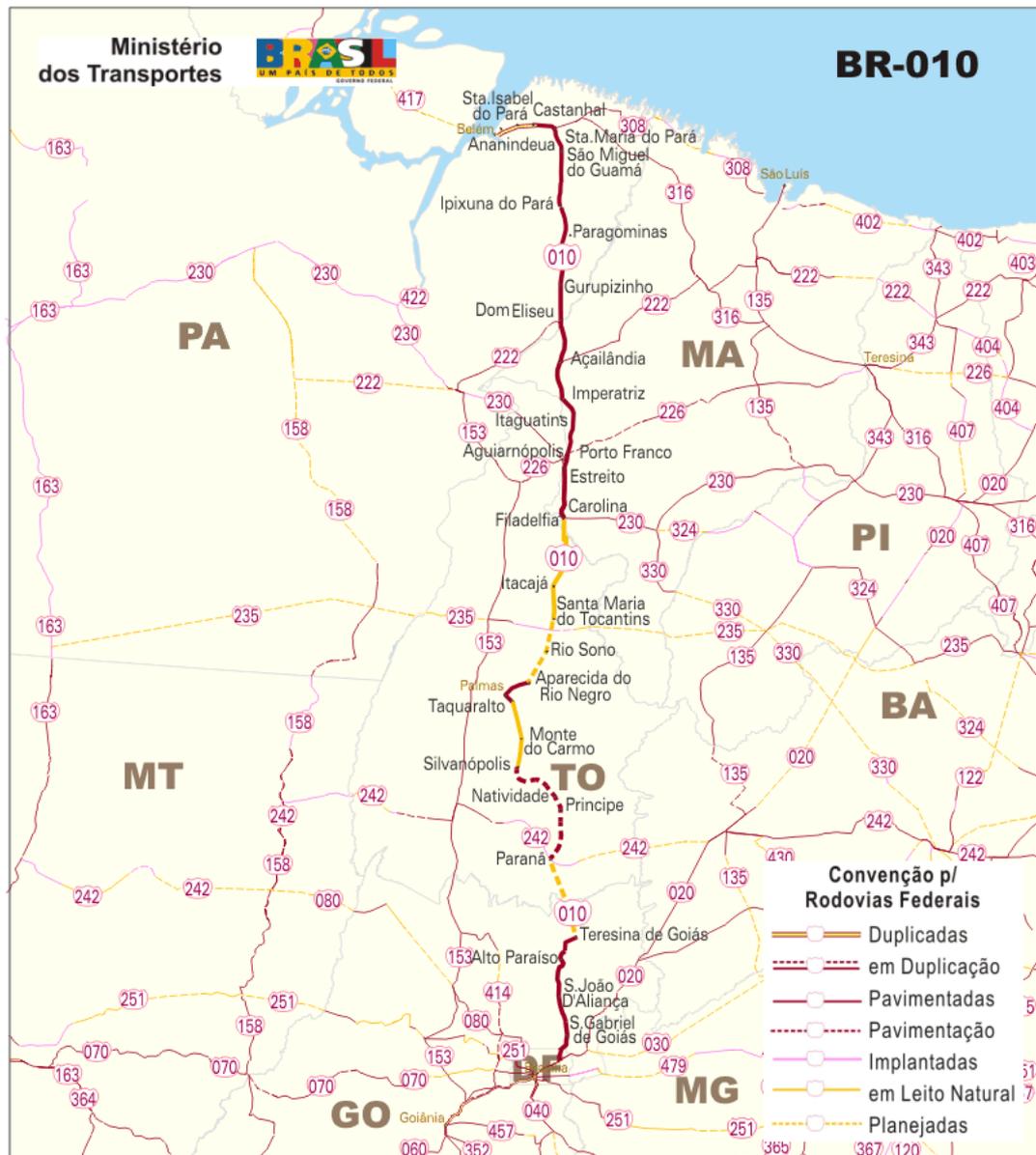


Mas, não há ligação entre as cidades, por exemplo, Iquitos, no Peru, não tem nenhuma estrada ligando a nenhum lugar. Relembramos aqui a tentativa feita nos anos 70 da construção da Transamazônica pelo governo militar de Emílio Médici, que inspirou o filme *Iracema: uma transa amazônica*, O filme é na realidade um auto-retrato da população local. Retrata realisticamente os problemas da região. Conta a história de uma menina do interior, que vai a Belém com a família para pagar promessa na festa do Sírrio de Nazaré. O novo meio e as companhias que encontra levam a menina à prostituição. Conhece num cabaré um motorista de caminhão Tião Brasil Grande, negociante de madeira. Influenciada pelas outras prostitutas ela quer conhecer os grandes centros (São Paulo e Rio) e pega carona com o motorista; realizado em 1976,

é co-produção teuto-franco-brasileira, dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, devido ao conteúdo crítico só pode ser lançado oficialmente no Brasil no ano de 1981. A produção foi uma encomenda para a televisão alemã e realizada em mas a censura da ditadura militar proibiu sua exibição no país por muitos anos, alegando que era uma produção estrangeira; tudo porque o filme contrariava a propaganda oficial, que dizia que a rodovia levaria o progresso à região. Bodanzky retratou grilagem de terras, desmatamento, queimadas, a prostituição e miséria da população.



Bodanski teve a ideia da filmagem quando esteve visitando a rodovia Belem Brasilia para uma reportagem para a revista Realidade, onde trabalhava.



Mitos atuais

De acordo com Prof. Dr. Januário Amaral em seu livro: *Mata virgem, terra prostituta*, SP: Terceira Margem, 2004, existem, na atualidade, vários mitos, quais sejam:

Mito da homogeneidade, que representou a região como um imenso e uniforme tapete verde, atravessado por longos e tortuosos rios. Nenhuma visão da Amazônia é mais distante da realidade. Ela abriga uma indescritível diversidade ecológica, refletida no clima, nas formações geológicas, nas altitudes, nas paisagens, nos solos, na formação vegetal e na biodiversidade. A heterogeneidade também ocorre do ponto de vista político, social e econômico. São oito países com diferentes estilos de governo e desgoverno, políticas e leis para a região, assim como ela é habitada por

uma ampla variedade de grupos humanos, que vão desde indígenas vivendo em total isolamento, até habitantes de grandes cidades.

Mito do vazio demográfico, que produziu a crença de uma região virgem, um imenso espaço vazio, ou a última fronteira da humanidade. Por este enfoque, a Amazônia é uma terra sem homens para onde os homens sem terra devem migrar, aliviando os problemas da pressão populacional nas áreas periféricas, ao mesmo tempo em que são ignorados os direitos seculares das populações que habitam a região.

Mito da imensa riqueza e extrema pobreza, que tomando como referência a exuberância da vegetação tropical, estabeleceu a crença da fertilidade dos solos amazônicos. Somente depois de investidos e perdidos bilhões de dólares em projetos de assentamentos agrícola é que se pôde constatar que esta riqueza era apenas aparente, e que o tesouro da região está na biodiversidade do ecossistema, da flora, da fauna e do germoplasma nativo. A contrapartida desta percepção foi considerar os solos amazônicos tão pobres que tornaria impossível qualquer outra atividade que não a preservação incólume da floresta. Esta posição extremada tampouco se sustenta, dado que existem extensas faixas de solos aptos para a agricultura.

Mito do nativo como obstáculo ou como modelo para o desenvolvimento, que justificou, no primeiro caso, extermínio sistemático destas populações, a agressão territorial e cultural ou a sua conversão ao modelo civilizatório ocidental. No segundo caso – a louvação do modelo indígena – desconheceu-se que aquelas culturas são formas adaptativas próprias àquele ambiente e que sua adoção como modelo generalizado para o desenvolvimento da Amazônia é impraticável.

Mito de pulmão do mundo, que considerava a floresta amazônica responsável pela produção de 80% do oxigênio (O₂) e fixador de dióxido de carbono (CO₂) e que sua destruição privaria o planeta dos seus pulmões. O mito desconsiderava tanto a importância dos oceanos e das outras regiões tropicais nesta tarefa, quanto o fato da floresta amazônica ser uma floresta madura, mantendo um equilíbrio quase perfeito entre a produção de O₂ e a fixação de CO₂. Por outro lado, agora que as

preocupações humanas deslocaram-se dos gases para as águas, a contribuição da Amazônia para o balanço hídrico do planeta tem sido enfatizada, dado que o rio desemboca no mar 176.000 m³ de água por segundo, representando aproximadamente 1/6 de toda a água doce levada para os oceanos.

Mito de solução para os problemas da periferia, que submeteu a região a projetos de colonização governamentais visando à expansão da fronteira agrícola, não só no Brasil como na Colômbia, Peru, Equador e Bolívia, com o deslocamento de colonos atraídos por dois outros mitos: uma terra desabitada e com solos férteis. A colonização tem sido acompanhada de construção de estradas, de cidades e de hidrelétricas. O balanço geral dos últimos cinquenta anos de colonização é negativo: os problemas da periferia do sul-sudeste não foram resolvidos e criaram-se na Amazônia novas periferias com velhos problemas.

Mito da Amazônia como área rural, que considera a fronteira amazônica semelhante aos movimentos migratórios que se desenvolvem no Brasil na primeira metade do século XX, com pioneiros ocupando terras livres com atividades agrícolas que paulatinamente geravam crescimento da população e da produção. Na Amazônia, a fronteira já nasceu heterogênea, constituída por frentes de várias atividades, com povoamento rural e produção agrícola relativamente modestos, e com intenso ritmo de urbanização, com o governo federal e as agências financiadoras internacionais assumindo o papel de planejador.

Mito de internacionalização da Amazônia, que surgiu como corolário dos outros mitos, da extensa agressão ambiental das últimas décadas e da inversão do conflito leste-oeste para norte-sul. A internacionalização é “confirmada” pelo mito cibernético de um mapa que consta dos livros escolares norte-americanos, com a Amazônia desenhada e identificada como área internacional.